



## RESENHA

# MURRAY; WILLIAMSON; SINNREICH, RICHARD. O PASSADO COMO PRÓLOGO: A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA PARA A PROFISSÃO MILITAR. RIO DE JANEIRO: BIBLIX, 2017.

*Rafael Macedo da Rocha Santos<sup>1</sup>*

A maioria das obras da Bibliex se concentra em análises históricas acontecimentais calcados em grandes fatos e feitos políticos, mas “O Passado como Prólogo: a importância da História para a profissão militar” (2017) apresenta uma reflexão filosófica mais profunda sobre questões metodológicas do conhecimento histórico, com foco em análises de eventos militares dos séculos XIX e XX.

O livro é organizado por vários artigos que se debruçam sobre fatos marcantes da História Militar. Junto com o debate de eventos como a Guerra Sino-Japonesa (1937) e a Guerra entre Rússia e Japão (1905), a obra destaca vários aspectos epistemológicos da História como por exemplo a interdisciplinaridade com outras ciências como relações internacionais, direito, economia, entre outros.

A História Militar em si se configura uma das maiores fontes para historiadores do ramo, apesar de ainda ser restrita aos círculos militares. Muitos desses profissionais ainda são membros de Forças Armadas e poucos ainda são oriundos do meio acadêmico. Tais análises militares, criticam os autores, são muito superficiais e ignoram o legado que podem oferecer para a própria epistemologia do conhecimento histórico.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Comparada (PPGHC - UFRJ). Contato: rafaelmrsantos@yahoo.com.br.

Desde o advento dos *Annales* (1929), a História Militar deu lugar à outras formas e concepções de se fazer História. Autores militares como o alemão Leopold Von Ranke foram deixados de lado por aquela geração e substituída por uma História-Problema, distinta da mera narração de fatos políticos que prevaleceu até o século XIX.

Os autores organizadores são norte-americanos que se debruçam sobre a influência da História sobre os estudos militares: W. Murray é professor emérito da Universidade de Ohio, enquanto R. Sinnreich é um antigo diretor de uma academia militar nos EUA, coronel da reserva do Exército daquele país.

Ambos defendem a tese de que a história da guerra só possua visibilidade caso o historiador seja um militar. Outra utilidade desse tipo de História diz respeito à ideia de memória em uma História Nacional sobretudo por meio de um caráter didático.

Os próprios autores reconhecem que a História das Guerras evolui de uma tal maneira que dificilmente uma guerra no século IV teria pertinência na compreensão dos estudos de um conflito no século XXI por exemplo. Muitas dessas constantes históricas se tornaram variáveis, sobretudo em termos de História Militar.

Murray e Sinnreich questionam-se desde o início da obra sobre a complexidade do processo histórico já que a experiência do passado não se repete. Desde a introdução, os autores se perguntam: as lições do passado se encaixam genericamente nas circunstâncias do presente diante de tamanhas revoluções na forma de se fazer guerra?

A História é tratada como uma “sugestão para o futuro” pelos autores. As grandes mudanças tecnológicas na visão dos autores podem levar a diminuição do papel da História. Como exemplo, os autores lembrar da invasão do Iraque em 2003, cujos resultados catastróficos poderiam ter sido evitados com o mínimo de conhecimento histórico de acontecimentos anteriores relacionados à ocupação daquele país.

Outro exemplo histórico diz respeito à adoção pela França na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) das mesmas táticas utilizadas na Primeira Guerra (1914-1918): a guerra de trincheiras. A repetição da mesma tática pelo Exército francês resultou em um redundante fracasso, o que pôs em xeque a reprodução da História em circunstâncias únicas ou particulares como as da pós-modernidade.

A obra oferece pensamentos sobre a epistemologia da História como as questões de perenidade dos fatos e a reprodução dos acontecimentos históricos no futuro. A influência do passado sobre o presente é um dos grandes trunfos dos chefes militares, apesar dos autores não darem suas próprias respostas sobre a não-repetição dos fatos passados.

Esse mínimo de epistemologia histórica remontando teóricos como Ferdinand Braudel, Tucídides, Clausewitz e Marc Bloch é relembrado na introdução da obra. O objetivo histórico

seria narrar os fatos do passado e compreender de que forma poderiam se repetir no futuro levando em consideração certas variáveis de inserção do passado que apenas algumas peculiaridades do presente podem fornecer. Cada geração tenta imprimir seu legado sobre estudos históricos, que deveriam ser isentos e perenes.

A ideia de que a História não fornece respostas diretas e confortáveis a questões contemporâneas, presente da página 15 da obra, corrobora a confirmação de que a História oferece riquezas inigualáveis, mas tais devem estar inseridas dentro de um contexto e nem sempre podem ser fidedignamente aplicadas. Nesse sentido, os autores problematizam: “A História levanta mais questões do que responde” (p.16).

Murray defende que, “para que o História tenha emprego, suas complexidades demandem cética investigação, ao invés de confiança, de um conjunto de historietas históricas inevitavelmente muito simplificadas” (p.23). De fato, a simplificação a que o autor se refere é uma corriqueira generalização entre História Militar e História da Guerra, algo que os historiadores militares deveriam combater segundo Murray.

A partir de eventos da História Militar, a obra busca articular uma prática dessa área com outros recortes históricos: a importância dada à certos eventos militares em detrimento de outros. Essa crítica à seletividade da História e da memória é constante entre os artigos do livro, influenciados sobretudo pelo positivismo filosófico que caracterizou a História no século XIX.

A experiência da guerra ensina militares a o que deve. Nesse sentido, Tucídides e Clausewitz ganham bastante espaço nos artigos na obra e são considerados como os fundadores das ciências militares. Basicamente todos os artigos do livro se referem direta ou indiretamente com análises de ambos os autores para a questão da guerra, indicando experiências históricas como lições para o presente e o futuro.

Apesar dos artigos se concentrarem na análises de grandes eventos militares como as duas grandes guerras mundiais do século XX, a obra também trata de conflitos locais como a guerra entre Japão e Rússia em 1905. Nesse sentido, repare-se uma preocupação em resgatar conflitos esquecidos da maioria dos historiadores.

A História Militar também se encaixa na mesma hipótese da História Geral: a existência de relatos provisórios que caracterizam o passado e oferecem certas orientações para o futuro. Nesse sentido, a História oferece estratégias e horizontes para uma prática que vive de cenários prospectivos: as ciências militares.

**Referências Bibliográficas:**

BLOCH, Marc. A apologia do historiador. Lisboa: Teorema, 2001.

BRAUDEL, Ferdinand. Escritos sobre a História. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

DOLCE, Júlio. Os conceitos de Clausewitz aplicados aos Estudos Estratégicos do mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Revista da ESG, Ano XIII, nº 36.

RANKE, Leopold Von. Pueblos y Estados en la Epoca Moderna. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

TUCIDIDES. A História da Guerra do Peloponeso. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

